

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO

OFERTA - 31 JAN. 2007

*do Sr. Pedro. Murillo*

*Homenagem ao seu valor*

ALBERTINO DA SILVA

*Jornalístico*

*de*

*Albertino da Silva*

# A PAVANA

Registo semanal d'impressões e commentarios

N.º 1

Lisbôa, 18 d'Abril de 1914

CASA EDITORA, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

PAPELARIA MATHEUS

Rua Augusta, 178

LISBOA

24749

## SUMMARIO

O PROGRAMMA DE **Ã PAVANA** — A DANSA QUE CONVEM AOS SUPER-HOMENS D'ESTE PAIZ — A DANSA DO URSO E O FANDANGO — COMO OS MORTOS ILLUSTRES ENTRARÃO NA RODA, Á MISTURA COM OS ILLUSTRES VIVOS -- ENTRAM AS DAMAS EM SCENA E FECHA-SE O PROGRAMMA -- **ASPECTOS** — EM LISBOA — A BURLA AOS ESTOMAGOS E AS CARAS DE CASO — A DESOLAÇÃO E A MISERIA NO PAIZ, ETC.



# A PAVANA

---

Das razões explicatorias  
d'este titulo

Palavra evocadora de beleza antiga, cheia de sonoridades longiquas e de coloridos de plastica a recatarem-se na sombra dos seculos, a Pavana é d'aquelles raros nomes, verdadeiras syntheses fallantes, que adensam e corporisam num som todo o ruido d'um mundo, e como que retratam, em tela-miniatura, a vida poematica do mais largo cyclo historico.

Platão sentia e affirmava a alma dulcissima das rosas; eu atrevo-me a sentenciar d'um jacto a espiritualidade augusta da linguagem. Uma palavra não é só a materia vocabulante, mechanica e fria, que, ao mando da larynge, vae assomar ao tympano, pervaga nos ares, e se escôa sem cerimoniosamente, como um

ganido de besta ou um marulho de ressaca; sob a cobertura sonica do termo, palpita uma alma que lhe dá côr, luminosidade, um ar cantante, ademanes de graça, rasgos de força, uma alma que é o sangue circulatorio da palavra, fóra de duvida, o seu musculo tensor, a nervosidade das suas carnes, a seducção ondeante das suas formas, da sua musica, do seu significado. Oh! sim, sob cada palavra asphixia latente o mysterio d'uma pobre existencia, adivinham-se tremuras que fremem, sentem-se raivas que cachôam, amôres que arrulham, nostalgias que choram, suggestões que accordam imprecisas, anhelitos, sonhos, reminiscentes chimeras a avoejarem, vindas não se sabe d'onde. E é preciso que a palavra seja uma chispa despedida d'este individuo pensante que adentro de nós acciona e geme na eterna laboração das idéas, é força que a palavra tenha por abstracto um *quid* imponderavel, tal ou qual genio incubo capaz de todos os alores da vida, pois d'outra sorte não ha explicar-se plenariamente o phenomeno da sua força.

Sabido está o que seja a palavra em boca d'homem aflado d'ideal, sahindo-lhe

do peito em rajadas de semi-deus, escandescente, pejada de magnete, ora marchetada de tons, titilantes d'amavios, como uma chuva de petalas, ora cravejada d'asperezas, trovosa, fulminea, como uma atmospheria negra d'arreganhos. E em baixo, e ao longo, as multidões a soffrerem, a penetrarem-se da corrente de fas inação que lhes emossa as arestas rocheas da vontade, lhes confeiçoa as modalidades de sentir e pensar, de geito que, minutos corridos, lá vão arrastados d'escantilhão no torvelinho d'um entbusiasmo que lhes sopraram, como coisas inconscias onde se fez o vacuo da vida superior, para só ficar a emotividade da fera que se amansa e estarrece em spasmos de deleite sensorial, ouvindo uns motetes de concertina.

Já o matreiro Filipe de Macedonia reconhecia o grande poder da palavra, quando no intuito de conquistar a Grecia, achava mór vantagem em mercanciar o silencio dos oradores que as espadas dos generaes gregos. E lembra-me a referta oratoria, gladiada no parlamento inglez entre os dois collossos d'eloquencia tribunicia que foram Bruke e Fox, e em que numa replica admiravel de

comedimento e de senso, Bruke censurava o antagonista pela ordem de batalha esmagadora e cruel, por que dispozera o material do seu discurso, «a infantaria ligeira na vanguarda, coberta por uma forte artilharia, e a cavallaria em carga cerrada, para final».

De todo o exposto vem a inferir-se a vitalidade organica da expressão, successividade cadenciosa de individuos liados por um elo de logica, mas cada um d'elles a ressumar instinctos, paixões, consciencia vivaz, um *eu* attrahiliario e autonomo que se não cala, avultando entre todas a palavra-synthese, representativa dum estadio de civilisação, como os homens superiores d'Emerson, a palavra forte que Henri Heine procurava, que fosse o resumo, estillado e denso, de todo o fel da sua dolorosa perversão, de todo o requinte de angustias appenso ao destranbelhamento neuronico e passional, que o estortegava.

A Pavana é, já se está a ver, um d'esses nomes senhoriaes, sob cujo indumento estructural se sente vibrar uma alma antiga, d'onde a evocação nos vem de todo um passado de grandeza e arte, portões armoriaes que roncam nos quicios, berlindas d'ouro con-

duzindo princezas, salões abrazados em gemmas de luz, macieza de carnes archi-ducaes a esconderem fremitos de serpentes, escorrências fragrantés d'aristocracia, requebros de sangue azul, a embofia dos infanções e filhos d'algo, todo um Versailles de pè, um Trianon remoçado, as mil e uma resplendências d'uma corte de dogarezas, o superfluo, o incoercível, o maravilhoso epopaico d'um passado que foi grande, e maior nos parece porque já foi!

A Pavana! E ouvem-se telingar as notas do cravo sobre o rumorejo discreto do salão, aparições brancas de sylphides caudadas passam regias, circumpairam no ambiente redolências acres de toucador, pelos damascos muraes desenham-se, em silhuetas fugazes, os instantaneos da contumelia, as quebreiras de dorso mesureiro, genuflexões da etiqueta, cedendo ás damas honras olympicas, que as Maintenon, as Pompadour, as Lamballe acolhem com desdenho, não se regalando com menos que a homenagem escravizante d'um reino inteiro; e, redor do *hall* flammejante, os pares balouçam, deslisam, compassêam a cadencia binar dos sonhos tranquilos, esbatem-se em attitudes dulcorosas d'estatuas, teem requebros flacidos

de langôr, e vão-se entre-dizendo mysterios d'estrellas, palavras metallicas d'amôr em braza, um arroubo infinito de deuses pagãos, que se confinam aos mortaes pelo vicio da carne, a eterna insatisfeita! Cá fóra, na noite, bordejando os squares e os passeios, erram agonicos de frio os maltrapido do fado, dentes famelicos rechinando um *dies irae* de fome, e no peito o ullular cavo de revoltas embryonarias, pre-bakouninas,—ao beberem dos vitraes em fogo, os echos rumorosos da folia, que vae em palacio.

E' meu proposito, porem, despir a *Pavana* da luz merencorea d'evos transactos, para melhor, a esta civilisação tecida do banal, a adaptar revivescida e moderna, fazendo-a typo significativo de toda a casta d'evoluções choreicas, que entre nós fazem carreira, desde o maxixe exotico ao vira indigena. Sendo revelho o processo de stigmar a fogo a lombeira de certos quadrupedes, deposto, por cruel, o cavallo-marinho de Juvenal, eu permitti-me idear um processo de expiação assáz cadburyan, o mesmo vale dizer humanitario, qual seja o de convidar á valsa os pittorescos figurões meus conter-

raneos, ribaldeiros famosos alguns, estampas simplesmente hilares outros, mas muitissimos, verdadeiros bandidos de genio, ao ponto que estou em lembrar aos patriotaes oradores da nossa terra que, em homenagem á verdade, em suas harengas, d'ora avante cambiem a notula sublime de «descendentes do Gama e d'Albuquerque», por esta outra de não menores effeitos — «vergonneas bem medradas de João Brandão e Diogo Alves».

Desta feita, e castigando por tão suave teor os criminosos e os tolos, fazendo-os dansarinar quatro piruetas em publico e raso, tè os os vèr rubros, espinoteantes, esbofeados d'esforço por se pirarem á diversão que lhes proporciono, desta feita, venho a desvirtuar em meus livretes a missão classica do *papel*, de que já o Vieira affirmava «ter sido sempre materia d'escrever e invenção d'esfoliar». Deixo, porem, a tapuyas, javanezes e cidadãos congeneres, o officio sanguinario d'esfola, que me não praz, demais sendo pouco curial da nossa civilisação, christianissima e bonacheirona, uma tal sevicia, applicada assim, sem mais tir-te nem guar-te, ao pêlo de creaturas talha-

das — parece impossivel! — á semelhança de Deus.

Attentas as differenciações de tempera que, num meio social, estremam as varias camadas, estão a vêr como se faz mister adaptar aos habitos e vida profissional de tal individuo, um passo de dança coadunavel a sua feitura, ainda que ás vezes possa adregar immiscuirem-se no mesmo rodopio, os frandunos de bordel, por exemplo, que vadiam pelo Bairro Alto, e os frandunos da politica que amodoram no Martinho.

Não conhecem a dança do urso, que uma troupe de ciganos esqualidos espectaculisa, passeando a fera acorrentada, de burgo em burgo, com alvoroço das gentes e gaudio dos rapazes? E a fera paciente, cheia de bonhomia, espirituosa de fealdade, erguida sobre as patanas, lá vae rodando pesada, havorando urros cavernosos, signal de adormecidos instinctos de autonomia selvatica que, a espaços, parecem accordar na noite da sua inconsciencia, enquanto o domador, soqueando as pelles dum adufe. roufenha á laia de cantilena: — «Baila, Mariana!» Hão de concordar, que, por sua

esthetica de meneios, chacota graciosa e mais effeitos theatraes que d'elle resultam, este é innegavelmente o *tour de bal* a convir aos super-homens da nossa terra, verdadeiros ursos pelo grotesco da *allure*, pelo ruido que fazem, attinente a chamar sobre si o olhar basbaque da multitude, e quantas vezes, até pelos instinctos de fera, que acobertam com uma rhetorica doce, á espreita da hora propicia a poderem raivejar furias e despotismos.

A' fina flor do exercito, espelho de garbos, onde d'Orsay não deixaria de vir corrigir requintes, aos bravos arregimentados, valiosos modelos para pôsarem elegancias em frente a escopros e pinceis de grandes artistas, á fina flôr militar, emfim, o pulamento que mais lhe deve quadrar é, sem nesga de duvida, o fandango. Sem remoque á portuguesissima tropa, um zapateado bem mexido, célere de movimentos, forte de secussões, em que os pés espalmejem ruidos, em que se ouçam crepitações da rotula, e os artelhos fallem, e as tibias verguem, e os quadris amadornem, -durante uma hora cheia uma acção assim vertiginosa, satanica, azoratada, estou em crer que lhes transmudaria o aprumo de alfenins de sala

numa tesura fantil de senhores de caserna, onde ressumasse a plethóra de todas as galhardias marciaes; accrescendo que o paiz lhes paga com o seu rico dinheiro, não para exhibirem ademanes ás amorosas, não para traquibernarem no soalheiro politico dos cafés e assembleias, mas para grangearem por lucubrações austeras, pelo trabalho tirocinante de todos os dias, a idoneidade technica e scientifica que, via de regra, lhes falta.

E o prestigio de classe accentuadamente lhes vae fugindo, e más lingoas rumorejam por abi, em commento aos lanços politicos d'ultimos tempos, que mal poderá alguma vez defender o brio e a honra da patria, uma aggremação que não consegue desenodoar a honra e o brio proprios.

Aos politiquetes d'officio e ganha-pão, amanuenses que já foram ministros, merceeiros que são senadores, sacristas chefiando districtos, para toda esta jolda de frustres, travestidos d'homens publicos, a denunciarem nas menores arestas de convivio a tatuagem dos seus tempos de forçados da miseria. para esses, a dansa que melhor se adapta a seus habitos de endrómina, já adivinharam, é o

vira, o lusitano vira farfalhante, de saracoteamentos altos, gambias desenvoltas de quem puxa ao léo, e acima de tudo, exigindo-se *volte-faces* rapidas, sem ir chapar d'ilhargas nas ancas de seu par, que tem equal jus ao pulamento, a amostrar bizarrias de movimentação, e a governar-se, que diabo!

Parece haver uma tal ou qual amphibologia neste rasgo de dança nacional, parto feliz da imaginação serigaiteira das nossas aldeias e montanhas; dir-se-ia até, que quaesquer intuitos de satyra presidiram á confeição d'aquelle passo e que lapuzes tesos e serranas lindas, d'esta arte fundibularam seu remoque a nossos politiquetes de longa data, semelhantes, elles, a certas creadas ladinhas, que só se sentem bem conhecendo vinte patroas por semana, pela volubilidade de ideas, de convicções, de sentimentos, que os marca, — consciencia e estomago, como se foram duas visceras homogeneas, fundindo-se e perdendo-se num só orgão, — não desfitando olhos, todas as manhãs, da flexa politica que lhes aponta as monções do interesse, e lhes diz que botas de chefe hão-de lustrar, a que amigos convem dar de mão, ou que resquícios d'escrupulos é

força expungir da sua crôsta moral. Um vira d'uma authenticidade adoravel, como vêem.

Toca-vos agora vosso passo de sala, ó divinos artistas do meu paiz, pintores a quem Zeuxis prestaria homenagem, estatuarios soberbos creadores da vida em pedra, architectos cujo genio rebrilha na immortal esthetica das novas avenidas de Lisbôa, musicos sirenicos d'este berço de fadas, e vós poetas, dramaturgos, artistas da pena, sob qualquer faceta que se revelem: — que torneio mais catital que o fado chulipa, vos poderei eu consagrar? Revoluteantês que vós sois no palco de todos os successos, pelos acrobatismos d'arte que revelaes, pela pericia d'escamoteadores do alheio, em cujo mester até parece vos nasceram os dentes, pelos jogos cambiantes de malabar perspectiva com que vos propondes atirar poeira d'ouro aos olhos da fama, pela lesteza de movimentos, simulações, arteirice, e mais partes que se aglobam no vosso talento de dolorosos contemplativos, nenhum outro epitheto vos mata melhor que o de chulipantes, ó divinos artistas, e nenhuma accção massagista vos será mais util para vos

desrachitizar a carcassa mazomba de doentes d'alma e corpo.

Travo aqui esta resenha programmatica dos meus heroes, pois seria immensuravel o desfile longitudinal de todos os comparsas stigmatados por qualquer marca de velhacaria, não contando os mortos, chamados a comparecer no redondel pela trombeta da justiça humana, fallivel, sim, mas sem querer abdicar de suas regalias censoras num ambito onde não repontam balisas, nem mesmo as que separam o dominio em que saltibancam os immortaes vivos, da região em que putrescem os mortos immortaes.

Ninguem ahi ignora a phantasmagoria sublime, filha da lenda, que é a ronda dos mortos: ao romper da meia noite, as campas a erguerem-se, naturalmente, como tampões de arcas antigas, e as ossamentas dos que foram gente, a assomarem na bocarra dos tumulos, a ascensionarem para a luz dealbada do luar, que vae estirando no solo santo do cemiterio as silhuetas pensativas dos cyprestes. E aquellas figuras sinistras, mudas, reluzentes d'osso nú, caveiras d'olhar parado, esqueletos frios, postos

de pé não sei por que galvanismo diabolico, entram de executar um desbragamento de folia que leva horas, frenesi de tripudio arrepiador, castanhulado a compasso pela raspagem das articulações, pelo rangimento dos maxilares nos condylos, balburdia aspera e rocalhosa a que os primeiros ameaços da manhã põem remate, como se todo aquelle mundo fôra uma nevoa de pesadello, em debandada.

Mas os mortos aqui chamados á barra, não apparecerão neste condicionamente assás primitivo, que é o nú, antes de tunica moderna e vestes caudadas os quero apresentar, como espectros d'ordem immortal e origem olympica, deambulando magestáticos e recitando com entono, quando chamados a depôr as razões por que proliferaram e deram de si a actual progenie de fallidos mentaes, que são a parte, por excellencia escarnicavel, da sociedade portugdêsa.

A's senhorinhas conterraneas está-lhes evidentemente pulando o pé adoravel por virem a terreiro, angelicaes de graça, febricitantes d'amor, como pertença, que são, d'aquella delicada especie de maravilhas creacionais, que Shakspeare talhou no oiro precioso do verso

— *Frailty, thy name is women!* Por isso, convidando eu com o poeta inglez em que a outra metade do homem é a fragilidade em pessoa, sou a offerter-lhe um *pas de bal* inteiramente novo, qual seja a dança das borboletas, uma coisa zig-zagueante e leve, de surpresas cotillonantes, balsamica, imprevista, tons de gaze e sonho, como o primeiro banho da luz matutina na nevoa dos lagos; tendo a dupla vantagem de respeitar, ás nossas Evas cheias de graça — antes da maçã, entendido — o quebra-dido de seus encantos, pelo exclusivo contacto com calices de flôres e gotas d'orvalho, e de symbolisar o que ha de voluvel, de fluctuante, de incoercivel n'aquellas cabeças, perpetuamente nimbadas da nossa adoração, com que lhes desvairamos os sentidos, ó leitores d'arcaboço masculino, fugindo-nos assim uma bôa parte da autoridade que havemos mistér para lhes escarmentar as loucuras, para lhes sahirmos ao caminho, n'uma interrogação de iracundia melo-biblica: que fizestes da virtude?

Tal é o programma da *Pavana*, que, valha a verdade, pelo descriptivo e sobrio das tintas, já ia tomando seus ares de Tractado pratico

de dança, ou substanciosa lição do professor Justino. Vou, alfim, dar fecho a este introito, com dizer-lhes que me não carcome a epizootia da popularidade, doença de pruidos suaves, ao que dizem, e tão em voga como a neurasthenia, o spleen, e a falta de dinheiro, que eu julgo *synonymos*.

Far-se-á o que em linguagem grossa se chama justiça de cacete, um varrer de feira a lembrar a desobstrucção das cavallariças d'Augias, na certeza, porém, de que o *vir justus*, já conhecido d'Horacio, e de nós todos, poderá assistir impavido ao ruir do cosmos de todas as falsas reputações, que nem um só estilhaço irá perturbá lo, na serenidade augusta de seu porte.

*Quarta feira, 15 d'abril.*

A qualquer hora do dia que ponhamos pé na rua, observando, mesmo de raspão, os typos que passam, na polychromia da sua variedade, o homem de negocios, de frontispicio meditante, o burocrata de catadura resignada, o cadete rabejando as mulheres bôas, o dandy que flana,

a varina que se esganiça, o alcaioite d'esquina, o operario, o conselheiro, relanceando a vista a cada um e ao conjuncto, como quem foca a perspectiva dos *trottoirs*, a qualquer hora do dia, reparem, Lisbôa dá-nos a sensação desconsolada d'uma cidade antes d'almoço. Os perfis são agudos, de linhas caladas, e um ar mortico os banha, lembrando cabeças escopradas por estatuario barato: os rostos, covados de sombras, não mostram côr definida, uma nuance de tons que aflora do branco ao creme, ao amarello, ao livido, ao terroso, como se o brilho, a vivacidade, a força d'acção a o toque d'alma que insuflam e hão de transparecer no homem sano, fossem espectralisados pela nossa retina, ou os defrontassemos através d'um meio de luz mate.

Nos passos dos que transêam, ainda nos que mais atarefados se revelam, não ha impulsões de sangue, ardimentos de gesto, a *nonchalance* de quem se sente bem na vida, muito menos um tal ou qual desbarato de movimentos, de que só naturalmente são capazes os bem fornecidos d'energias, faltando-lhes aquella dextreza de quem planisa vencer, de quem definiu trajectoria e vae a sua mira, antes parecendo

que os tolhe o dessoramento de todo o organismo: e, pela certa, a roê-los anda uma preocupação funda, e uma batalha de difficuldades se lhes vae travando dentro, pondo-lhes na mascara aquelle rictus de boçalidade, d'hesitação, de máu presagio, que é a signa da mediocridade infeliz.

Quem sabe! Aquelle, é talvez a mulher que o espera, portas a dentro do seu lar, representando a suprema tragedia de ludibriar com risos e beijos a fome da pequenada implume, que, sem ter a noção mathematica do tempo tão perfeita como Pythagoras, lá se lhes affigura que a hora do lanche se escoou ha muito. Este, allucina-o, pode ser, a idéa terrifica de que prestes lhe descobrirão o desfalque, quantia insignificante, aliás, mas que bastará á sua ignominia, aos rubores do enxovalho, á demissão e arripiante corollario da ultima miseria. Aquel'outro, é, iriamos dizer, um projecticulo de roubo que o trabalha, uma grangearia d'alguns dinheiros a mais em troca d'alguns escrupulos a menos, esperançosa escroqueria a que mentalmente vae dando os ultimos retoques, e de que lhe resultará um como desabafo de situação financeira, de molde a poder

mimalhar a amante com mais fidalga mesada, não vá lembrar-se a princeza de, subtilmente e á surrelfa, lhe pôr escriptos. Est'outro, talvez seja o luxo coqueteante da esposa e filhas, que se lhe vae phototypando nas paredes corneas do pensamento, relampagos torvos de más idéas a esfusiarem-lhe no cerebro, a trapejar-lhe na alma a pancada de sinistros augurios, e a scisma sem o largar, sem o desmontar a idéa fixa d'aquella obscenidade de luxo, cuja fonte ignora, mas cuja ignorancia, no seu intimo, prefere manter. Outro ainda... Diabo! quantas interjeições de dôr, que incontavel numero de lances dramaticos, eschylianos, apocalypticos, podem, acaso, ir-se desenrolando no soturno interior d'essa turba-multa que ahi se embate, de sobreceño a meio pau, risinho esganado e mal ensaiadas affectações, desvendaveis ao primeiro golpe!

Seja qual fôr a causa da depressão que acabrunha o meio, e sabido, claro, que este mostuario de burlões, fallidos, aluguer de fêmeas e similares ulceras sociaes, subsistiu sempre, o que é certo é que Lisboa—diga-se a palavra—tem cara de fome; e esta atmos-

phera silente que estagna redór de todos, e os aspectos sombrios que enchem as ruas, a ausencia de vida, de lesteza, de gracilidade de sorrisos, de musica circum-pairante aos corpos e á luz, não são mais que derivantes d'uma alimentação falta de principios nutrientes, d'uma alimentação balôfa e irregular, que, d'esta raça já de si cansada, senão decrepita, batida do granizo de muitos seculos e escanifrada por uma Historia d'aventuras, vae fabricando um povo de tuberculosos, de paranoicos, de chapadissimos alvares.

Não se pretende estatelar aqui o armazem de provas, d'uma concreção irrespondivel, que dariam auctoridade a este arrazoadado; mas não só a analyse prescrutante em physionomias de todas as camadas, instantaneos de kodak aos grupos, notas cahidas de bocas imprudentes, e rapido sorvidas, de passagem, conduzem á illação agoniante de que a fome desalicerça Lisbôa, mas tambem perspicazes indagadores affirmam que nos ultimos annos, o numerario a entrar diariamente nos mercados da capital, ha baixado em centenas de mil réis. Vem isto a condizer com o facto de a cada instante surgir ahi uma nova leitaria; e não se nos depara

viella, recanto de praça ou vão de escada que não offereça á ardencia gorgomilar dos passantes, uma d'essas casinhas brancas, airozas, cheias de luz, onde possam dessentar-se. D'onde é força virmos a est'outra inferencia, que, trocando a Praça da Figueira pelas leitarias, a população de Lisbôa deu-se ao habito dietetico de estar a leite.

Tal quadro d'inopia e de franciscanismo palpavel, não fere, todavia, a tecla da compuncção de quem, a par e passo, fôr notando como esta gente, ao sentir-se recalçada pela carestia dos generos, não pensou um minuto em cercear o luxo e as pagodeiras, antes resolveu em seus ponderados designios, passar a impingir ao estomago uma burla d'alimentação, de sorte que, fazendo á vaidade propria o holocausto da propria vida, que o gusano da fome vae minando, possa continuar a sortir-se nos armazens do tom, e a apparecer nos theatros, nos concertos, nas exposições, no torneio da Avenida, sem que relações e conhecidos tenham artes de farejar nas apparencias a theatral pelintrice dos *dessous* da sua vida

Paiz fóra, então, o horisonte da miseria carga-se do negrume preságo das grandes tragedias. A propria paysagem parece aquinhoar das tristezas dos habitantes, e nos campos falta aquelle concertante feito de todos os ruidos, da canção da enxada entrando nos peitos da terra, do mugido dos bois, que ajudam o homem e vão ruminando de paciencia e simpleza, da voz do cavador que moureja, da pastora que plange cantilenas, da natureza, ao redor, que se sente acarinhada: e as aves rentam o homem, em vôos brincantes, e os pinhaes marulham, e os insectos zumbem, e a luz desce do alto, como uma benção directa de Deus!

Hoje, ao que relatam vozes de muitos, um halito de desolação sopra nas veigas, e por valles feracíssimos e opulentas savanas, affirmase um desleixo indiciador de quem pensa deixar-se morrer. Ao longo dos povoados, calla-se uma paz de cemiterio—de raro em raro um vulto esmadrigado de mulher avelhentada repontando d'um postigo, uma ou outra creança de sorriso de martyrio, chalrando na horta, e no céu azul, caravanas de milhafres, revoadas de corvos perpassando aos galgões,

a rouquejarem balladas de morte, sobre os campos e casalejos desertos!

Pelas modestas granjas da encosta, rôxas de frio e d'abandono, já não cantarila a garganta das nóras, já dentro dos casebres as mães não embalam os filhos num rythmo de santas, nem os teares se debatem cansados, nem, pela tarde, ao cahir d'Ave-Marias, um veio de fumo suspira dos telhados, como um incenso da terra para os astros! Os braços de serventia, as carnações de masculinidade rija, paes e filhos, e até lares inteiros, partiram, demandando mundos onde lhes fosse menos penoso amassar o pão com o proprio suor; e á tragedia particular que isto significa, casa-se ferozmente a tragedia nacional de sequencias tremebundas, o depauperamento vertiginoso da raça em seu sangue mais puro, em suas synérgias mais potentes, em suas fontes de bondade mais limpidas, e o extravio da fabulosa riqueza, que nenhum oiro compensa, aqui lh'o affirmo, representada no coração e na carne de tantas existencias sãs, que, salvo excepções, oh! nunca mais, nunca mais havemos de relaver!

Esta questão que assim nos tensiona as cordas do sentimento, parece affigurar-se coisa minima ao alto criterio dos que sobreintendem na governamenta nacional. A barca do Estado, como se vem dizendo ha cinco mil annos, demanda timoneiro experto, sabio conhecedor de nautica politica, nascido com um dom de previsão que raie pela presciencia, olhar de lynce que veja de longe e olhar d'aguia que veja d'alto, a penetração fariscante de quem lê borrascas num céu puro e receia naufragios d'um simples ponto de cinza que assoma nos confins.

E sem desaferrar olho da bitacula regente, que vem a ser o interesse nacional, o timoneiro tambem não ha de esquecer os ventos inopinados, a variedade das correntes oceanicas, os escolhos que convisinham da superficie, e outros detalhes de technica, que se traduzem pelos interesses de região, o valor de classes, os direitos do individuo.

Vem a talho de fouce lembrar aqui Taine, que litteralmente discretêa «ser uma sociedade humana, especialmente uma sociedade moderna, coisa vasta e complicada. Par suite, accrescenta, il est difficile de la connaitre et de

la comprendre ; *c'est pourquoi il est difficile de la mener*•.

Creio que neste ponto, nem Taine nem eu damos ao leitor novidade de maior ; mas apraz-me frisar e corvejar taes idèas, posto que consabidas, para me refocillar um pouco, preguntando como é que sendo tão difficil conhecer, comprehender e conduzir uma sociedade, *de la mener*, como diz o philosopho, exigindo-se portentosas faculdades d'analyse, violentissimos trabalhos de gabinete, uma educação philosophica só attingivel grangeada em muitos annos, para se conhecer o mais complexo organismo que a sociedade obviamente é, as sciencias praticas entresachando-se com as sciencias puras, desde a psicologia á anthropologia, como é possivel que em Portugal tenham germinado tão avultado numero de grandes cerebros, como os que, semana a semana, ou pouco menos, se succedem na governança do paiz ? E' pasmante a faculdade procreadora de talentos estadisticos d'este solo, que todos nós sabemos uberrimo, mas apenas em escalracho, parasitarias e vegetações infestas.

Não ha calar-se a explosão de desprezo

que merecem todos os troca-tintas, a ascenderem para ahi a supremos governantes d'um paiz, sò por meros incitamentos de vaidade, sem consciencia nem das responsabilidades que lhes impendem, nem do vasio de nullidade e concava ignorancia que os apaga. E sãõ estes anonymos que ninguem sabe d'onde veem, ou que passado d'intellectualidade os recommenda, ou que a ttributos de character os realçam, que se arrogam o serviço de impulsioneadores da riqueza publica, de depositarios dos dinheiros publicos, de arbitros da ordem publica, de nossos representantes, pedagogos, tutores, mandarins, patrões!

E ha um paiz que os comporta, que os acata, lhes paga e lhes obedece; ha um paiz que, ou por indifferença, ou por interesse, temor, desdem, idiotia, nem quer saber se elles existem; ha um paiz que os deixa á larga, retoicar-se nos seus dominios, tripudiar sobre suas liberdades, matraquear de seus ideaes, sorrir de suas dôres e comer os seus haveres!

Por isso, em expiação d'um desleixo que é cobardia, d'um silencio que é crime, d'um somno que é suicidio, esse paiz, hoje, — chora de fome!

*Sexta-feira, 16 d'abril*

Echos de jornaes relatam a bambocha innocibil, que foi a sessão parlamentar d'hontem, sobre o caso Pestana da Silva, jesuita ora moribundo, ou coisa parecida, na fronteira hespanhola, e que, confiante na therapia dos affectos de familia e na beneficacia dos ares limpos da patria, pede licença para entrar em Portugal. E logo alli os vereis enclavinados, os *soi disant* representantes do povo, jogando-se as cristas como chantecleres pimpões, em ardidos combates de palavra, apenas, os improvisos de fogo succedendo-se, os dicterios cruzando-se como bestiarios, e a eloquencia da colera a espraiair-se em flammulas d'ouiro nos ambitos da sala, de tal guisa, que bem poderiamos, em estylo camoneano, qualificar taes rhetoristas, de irados mas facundos.

Era o caso do perigo em que incorreria a Republica, logo que o jesuita pozesse o primeiro pé nos áditos da patria, perigo certissimo que os de mais aquilino entendimento depressa lobrigaram, soltando de seguida o grito d'alarme, que apavorou os arraiaes.

E houve menino que teve alli, phosphorante,

creanças para seu repasto, donzellas seduzidas para seu deboche, extorsões d'heranças, um estendal de flagícios, proprio a inteiriçar a carne dos ouvintes.

Alguns, mais cautos e ponderados, na chamma da discussão, lembram a Inglaterra, demónio, não vão elles fiascar mais uma vez, recusando a licença ao padre, pois bem pôde sobrevir a eventualidade de a nossa aliada, que d'ha tempos a esta parte se vem comprazendo em exhibições d'humanitarismo, nos mandar ordem para que acolhâmos o dito cidadão. E é talvez sob este receio ou sob a pressão d'altos empenhos, que o chefe de governo, sr. Machado, acaba de declarar com perempção, que—ou o padre entra ou elle sae. E a questão parou, irresoluta.

Ora esta irresolução, a meu vêr, é symptomatica de certo fraquear d'ideaes republicos no «peito illustre lusitano». Acaso seria possível, dois annos áquem, haver quem vacillasse em tal lanço? Admittir um jesuita em Portugal é aninhar a aspide no seio, é a derrocada do regimen, é a pulverisação da patria. Uma deshumanidade?

Por tal principio, ámanhã todos os congre-

gados poderão regressar a Portugal, um allegando a enxaqueca, a asthma outro, o rheumatismo, a influenza, os calos, e as saudades, uma doença feroz: saudades do vinho rascante de Torres, do rosto oval d'uma confessada, das orgias mysteriosas no Collegio, de cujas janellas elles tirotearam o povo, os facinoras! Não; se o padre precisa de carinhos, a familia que acorra ao seu leito. Mas quanto a entrar, . . . só para a sepultura.

Em certos confins do Iroque ou em regiões da Hottentocia, os anthropophagos, quando lhes cae nas unhas um europeu, cuja carne apreciam delirantemente, reúnem-se á volta dos seus antros, lá ao fundo das florestas e dão-se ao goso prelibante de discutir sobre a forma de cozinhar aquella rara peça de caça.

D'onde se vê que, no seu fundo moral, a discussão parlamentar d'hontem tem pouco d'original.



## Assignaturas d'A PAVANA

---

Recebem-se no deposito central da  
Livraria Matheus, Rua Augusta, 178.

*Cada serie de 24 numeros (pa-  
gamento adeantado) 1200 réis.*

**Numero avulso 50 réis**

---

Prevenimos os ex.<sup>mos</sup> srs. assignantes  
que vamos mandar cobrar pelo correio a  
importancia relativa á 1.<sup>a</sup> serie d'A PAVANA.